

APRESENTAÇÃO

José Gaston Hilgert*

 <https://orcid.org/0000-0002-2586-9920>

Vanda Maria Elias**

 <https://orcid.org/0000-0002-7517-4131>

■ **A** revista *Todas as Letras* convidou para organizar este dossiê, *Abordagens teórico-analíticas do texto*, os professores José Gaston Hilgert e Mônica Magalhães Cavalcante. O trabalho recém havia começado, quando a Mônica foi vítima de súbita e grave doença, que lhe ceifou a vida no auge de sua carreira acadêmica. A sua inesperada partida criou, na comunidade acadêmica dos estudiosos da língua portuguesa e, particularmente, dos discursos e dos textos, profunda consternação e intenso sentimento de ausência. A todos nos resta o consolo da saudade de sua presença alegre e vibrante onde quer que estivesse, em encontros de lazer ou de trabalho, e, obviamente, o consolo da certeza de que sua obra densa, inovadora e crítica seguirá perene, iluminando alunos e professores no âmbito da Linguística Textual. É à Mônica que é dedicado este dossiê. Para substituí-la nos trabalhos de organização, a revista convidou a profa. Vanda Maria Elias, a quem os editores manifestam o seu mais sincero agradecimento pela pronta disposição em disponibilizar seu tempo e sua vasta experiência na área para colaborar no desenvolvimento do projeto que já estava em curso.

Este texto de apresentação se desdobra em três momentos: inicialmente, presta-se uma breve homenagem a Mônica; fazem-se, a seguir, considerações sucintas sobre o tema em foco no dossiê; e, por último, relacionam-se os artigos que o compõem, com uma breve notícia sobre cada um deles, além de uma palavra de agradecimento aos autores que colaboraram com este projeto.

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: gastonh@uol.com.br

** Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, SP, Brasil. E-mail: vanda.elias@gmail.com

A profa. Mônica está amplamente presente em artigos deste dossiê. Nos dois primeiros, essa presença é explícita e direta: com “O Legado de Mônica Cavalcante para a linguística textual brasileira”, Valdinar Custódio Filho e Vanda Maria Elias discorrem sobre o impacto das ideias de Mônica no âmbito dos estudos do texto e do discurso no Brasil, e com “Campo dêitico digital na construção de sentidos do texto”, Mariza Angélica Paiva Brito e Mayara Arruda Martins concluem um estudo, iniciado em coautoria com Mônica, tratando de um tema muito caro a ela, o da construção dos sentidos nos ambientes digitais. Em outros textos, a presença de Mônica se revela por relações intertextuais e interdiscursivas mais esparsas, seja pela citação de suas obras, seja pela ressonância de temas de sua predileção.

A profa. Mônica teve a docência e a pesquisa como um projeto de vida e a ele se entregou comprometidamente de forma apaixonada e apaixonante. Concluiu o curso de Letras na Universidade Federal do Ceará (UFC), no qual veio a atuar por mais de 35 anos (graduação e pós-graduação), não sem antes marcar o seu percurso docente com o trabalho na Educação Básica. Especificamente esta experiência a acompanhou vida afora, alimentando suas investigações sobre o texto, o que fica evidente em suas numerosas publicações de artigos, capítulos de livros e obras completas; em sua participação frequente em eventos científicos; e, também, em dissertações e teses que orientou, nas quais a pesquisa ora parte de experiências de ensino, ora se destina a abrir novos horizontes para elas.

O doutorado, Mônica fez na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob a orientação de Luiz Antônio Marcuschi, e realizou um estágio pós-doutoral na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob a supervisão de Ingedore Villaça Koch. As lições e exemplos desses dois grandes mestres e linguistas do texto não apenas moldaram seu campo teórico e definição de objetos de pesquisa, mas também influenciaram profundamente sua abordagem colaborativa com orientandos e colegas.

A pesquisadora Mônica constituiu o seu grupo de pesquisa, Prottexto, cadastrado no CNPq em 2002, que não tardou a atrair muitos estudantes e professores para estudar o texto em diferentes perspectivas teóricas ou aplicadas. Fossem iniciantes na pesquisa, fossem pesquisadores consolidados, não importava, Mônica acolhia a todos, e a todos distribuía igualmente sua atenção e generosidade.

Sob a liderança da Mônica e a vice-liderança da professora, pesquisadora e companheira Mariza Brito, o Prottexto se destacou ao longo de mais de duas décadas de existência por sua extensa agenda de atividades, engajando seus membros em projetos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado, e promovendo ações de intercâmbio com pesquisadores de universidades de diferentes cantos do Brasil e de outros países.

Em 2022, a comemoração dos 20 anos do grupo Prottexto foi marcada pelo lançamento da obra *Linguística textual: conceitos e aplicações*. A publicação representa uma síntese das reflexões do grupo sobre as noções de texto, contexto, discurso, enunciação, interação, argumentação, referenciação, gêneros textuais, sequências textuais, organização tópica e intertextualidade. A obra também dedica um privilegiado espaço ao ensino, ao apresentar sugestões de aplicação em sala de aula dos conteúdos teorizados, com orientações para que o professor promova as adaptações que julgue necessárias, considerando os diferentes níveis de escolaridade e as singularidades de cada realidade escolar.

Incansável e bem-humorada, Mônica atuou na docência, na pesquisa e na administração universitária, nesta última como coordenadora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. Ela estava continuamente envolvida em inúmeras atividades e incluía a todos, orientandos, colegas e amigos, estivessem longe ou perto, em seus numerosos projetos, que muito contribuíram para o desenvolvimento e a configuração de uma Linguística Textual brasileira.

O *texto* é o objeto de estudo deste dossiê. Sabemos que texto e discurso recebem, em diferentes ramos da Linguística, abordagens distintas. Em algumas perspectivas teóricas, as duas noções vêm claramente demarcadas; em outras, elas confluem para uma unidade de natureza mais ou menos complexa por força de sua interdependência. Em todas elas, porém, parece haver unanimidade no fato de que todo texto é a manifestação de um discurso por meio de uma linguagem. Bakhtin (2011, p. 269) estabelece esse princípio ao definir o *enunciado* como “a unidade real da comunicação discursiva”.

Dessa definição emanam duas questões essenciais para o estudo do texto e do discurso. A primeira é o caráter interativo do discurso, explícito no termo “comunicação” presente na conceituação de *enunciado*. Essa condição interativa decorre da própria natureza da enunciação, que, como sabemos, se realiza, necessariamente, na interação entre um *eu* e um *tu*, que mutuamente se constituem e se instituem como sujeitos da enunciação, no próprio ato de enunciar. A segunda questão é que um discurso só se torna uma unidade *real* de comunicação na medida em que ele se objetiva em alguma expressão textual, até porque não há enunciação fora da intermediação textual. “O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências) [...]. Onde não há texto, também não há objeto de pesquisa e de pensamento” (Bakhtin, 2011, p. 307).

Respalhada nesse fundamento bakhtiniano e em todas as implicações derivadas dele, a revista *Todas as Letras* convidou pesquisadores que têm o texto e o discurso como objeto de estudo a publicarem resultados de suas pesquisas no dossiê “Abordagens teórico-analíticas do texto”. O foco definido para o dossiê foi amplo e, por isso, acolheu trabalhos que desenvolveram a temática textual em diferentes perspectivas teórico-metodológicas, desde a ótica da Linguística Textual, da Semiótica Discursiva, da Pragmática, do Funcionalismo e, também, da Linguística Interacional. Nos artigos aceitos, houve autores que privilegiaram questões teórico-críticas relativas ao aprofundamento ou ao avanço recente de algum desses ramos da Linguística, no campo dos estudos do discurso e do texto; outros se ocuparam da análise da realidade sócio-histórico-cultural engendrada e revelada nos textos, sabedores de que “só se pode falar de coisas a partir do texto, do que se descobre no texto” (Greimas, 1974, p. 22). Nesse âmbito analítico-aplicativo mereceram atenção especial práticas destinadas à dinamização do estudo do texto, em suas variadas formas de expressão (verbal, não verbal e sincrética ou multimodal), na escola. Por fim, houve autores ainda que trataram da produção textual na *internet*, seja discutindo a natureza específica do, assim denominado por Marie-Anne Paveau (2021, p. 28), “discurso digital nativo” – definido por ela como “o conjunto das produções verbais elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as

ferramentas da escrita” –, seja analisando textos com características e propósitos os mais variados, produzidos nesse âmbito.

Essa diversidade de perspectivas se manifesta nestes dez textos.

Valdinar Custódio Filho e Vanda Maria Elias, em “O legado de Mônica Cavalcante para a linguística textual brasileira”, tratam, inicialmente, das linhas gerais da proposta teórico-metodológica de Mônica Cavalcante para a Linguística Textual, proposta focada, em última instância, na explicação dos processos de construção da coerência. Em uma segunda parte do artigo, apresentam o impacto das ideias de Cavalcante nas relações entre estudos do texto e ensino de língua portuguesa. De modo geral, têm o propósito de dar evidência ao legado da professora e pesquisadora Mônica Cavalcante, fundadora e coordenadora do grupo Prottexto, considerando que sua produção muito tem a contribuir para as futuras pesquisas em Linguística Textual no Brasil.

Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*), Mariza Angélica Paiva Brito e Mayara Arruda Martins, em “Campo dêitico digital na construção de sentidos do texto”, voltam-se ao estudo da construção dos sentidos em textos produzidos em ambiente digital. As autoras, depois de retomarem e ampliarem a discussão teórica sobre as noções de dêixis e campo dêitico, mostram o modo de a dêixis se apresentar em textos digitais, especialmente em sistemas semióticos que não o verbal – como o imagético, o gestual, o sonoro –, e discutem as implicações dessas noções na construção dos sentidos dos *tecnotextos*.

Rodrigo Albuquerque e Alex Leitão, em “A (co)construção de sentidos na leitura e na produção textual: em cena um estudante autista”, fundamentados num olhar crítico dos princípios da Linguística Textual e secundados por conhecimentos etnográficos, analisam o processo de articulação de distintas semioses para a (co)construção de sentidos na leitura e na produção textual com alunos/as autistas e não autistas em uma turma de educação inclusiva de espanhol como língua adicional. Trata-se de uma aplicação simples e prática, inovadora e inclusiva, em que preceitos teórico-metodológicos já conhecidos são rediscutidos à luz da experiência viva das interações dos alunos entre si – autistas e não autistas – e com seus professores.

Ananias Agostinho da Silva, em “Ponto de vista e posturas enunciativas em redações do Enem”, analisando uma redação do Enem avaliada com nota mil, mostra quais posturas enunciativas são nela acionadas pelo enunciador na hierarquização dos pontos de vista mobilizados no texto e em que medida essas posturas se relacionam com as construções do gênero de discurso que devem configurar o texto a ser escrito, de acordo com a proposta feita pelo avaliador. Do ponto de vista teórico-metodológico, o artigo respalda-se nos preceitos da Linguística Textual, em interface com a perspectiva enunciativa e interacionista do ponto de vista de Rabatel (2016, 2021).

Clemilton Lopes Pinheiro e Márcia Rejane Brilhante Campêlo, em “O tópico discursivo como categoria analítica para o texto multimodal: proposta de formalização teórica”, retomam a discussão sobre o tópico discursivo, categoria analítica adotada pela Perspectiva Textual-Interativa para operar na análise da organização do texto verbal, falado ou escrito, e desenvolvem uma reconfiguração teórica das propriedades definidoras do tópico – centração e organicidade – para

que ele também dê conta, de forma coerente, da análise de textos multimodais ou sincréticos.

Eduardo Penhavel e Isa Zanin, em “Abordagem diacrônica do texto: estudo de caso e reflexões teórico-analíticas”, comparam, no âmbito da chamada Abordagem Diacrônica do Texto, cartas de redator paulistas do século XIX e editoriais paulistas do século XIX ao XXI, focando elementos do processo de organização tópica, com base na hipótese de que tais cartas fariam parte das origens do editorial. Os resultados reforçam a hipótese e a especificam em relação aos elementos tópicos analisados.

Rafahel Parintins, em “Frames em textos: enquadramentos de racismo em artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos”, tem o objetivo de identificar enquadramentos (*framings*) sociocognitivos (recorrências predominantes de um determinado *frame* ou elemento de *frame*) do racismo no Brasil, em artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos (usada em diferentes redes sociais em 2014). O estudo sugere que esses *framings* predominantes baseiam-se e ancoram-se em uma intersubjetividade coletiva que serve como *background* sociocognitivo ou matriz pragmática (Tomasello, 2003 [1999]) dos artigos de opinião em foco.

J. Lachlan Mackenzie, em “‘Eu não atendo bêbado’: ambiguidade, eficiência e gramática”, apresenta uma análise, no quadro da Gramática Discursivo-Funcional, de uma piada e do seu ambiente textual, mostrando como esta revela os papéis da ambiguidade, da eficiência e das estratégias gramaticais na interação humana.

Renata Mancini, em “A dinamização como valor no modelo de Bernard Pottier”, procura evidenciar a atualidade de algumas hipóteses formuladas por Bernard Pottier (1981) sobre a natureza dinâmica das relações internas do quadrado semiótico, em que propõe uma sintaxe que envolve dois pontos e dois intervalos. Ao incorporar intervalos, esse modelo parece particularmente eficaz para lidar com a gradação, ou seja, com os estados de transição e com a memória do caminho entre dois pontos, o que se relaciona com a análise por dimensões de Hjelmslev (2009). A autora aplica o modelo para os casos das modalidades veridictórias e das paixões, no plano do conteúdo, e da melodia, segundo o modelo de Luiz Tatit (1997 e 2002), no que diz respeito ao plano da expressão.

José Gaston Hilgert, em “Lições de agramática do Padre Ezequiel: um olhar discursivo sobre o fazer poético em Manoel de Barros”, busca encontrar, à luz de fundamentos teórico-metodológicos da semiótica discursiva greimasiana, no fazer poético de Manoel de Barros (2010), lições que possam ajudar alunos e professores a melhor compreender o modo como os textos poéticos constroem seus sentidos. Por meio da exploração sem limites das potencialidades da expressão linguística, o poeta cria universos com sentidos, percepções e sensações surpreendentes que subvertem a ordem vigente, questionando os valores que nela imperam, apontando ao leitor novos horizontes de vida, convidando-o a novas descobertas, enfim, alçando-o a experiências que só a arte pode proporcionar.

Por fim, a todos os autores que colaboraram para a concretização deste projeto, o nosso maior agradecimento.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

- BARROS, M de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- GREIMAS, A. J. L'Enonciation: une posture épistémologique. *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, Ribeirão Preto, n. 1, p. 9-25, 1974.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- PAVEAU, M-A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- POTTIER, B. Du carre semiotique “flou” au cycle. *Le Bulletin*, Institut de la Langue Française, n. 17, 1981.
- RABATEL, A. *Homo Narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. São Paulo: Cortez, 2016.
- RABATEL, A. *Homo Narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. Natal, RN: EDUFRN, 2021. v. 2.
- TATIT, L. *Musicando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume, 1997.
- TATIT, L. *O cancionista*. São Paulo, Edusp, 2002.
- TOMASELLO, M. *As origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1999].